Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Quarta-feira, 21 de Maio de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.771

Gabriel Leone celebra a força do cinema de PE
PÁGINA 5

'Ensaio sobre a Memória' em cartaz na cidade
PÁGINA 7

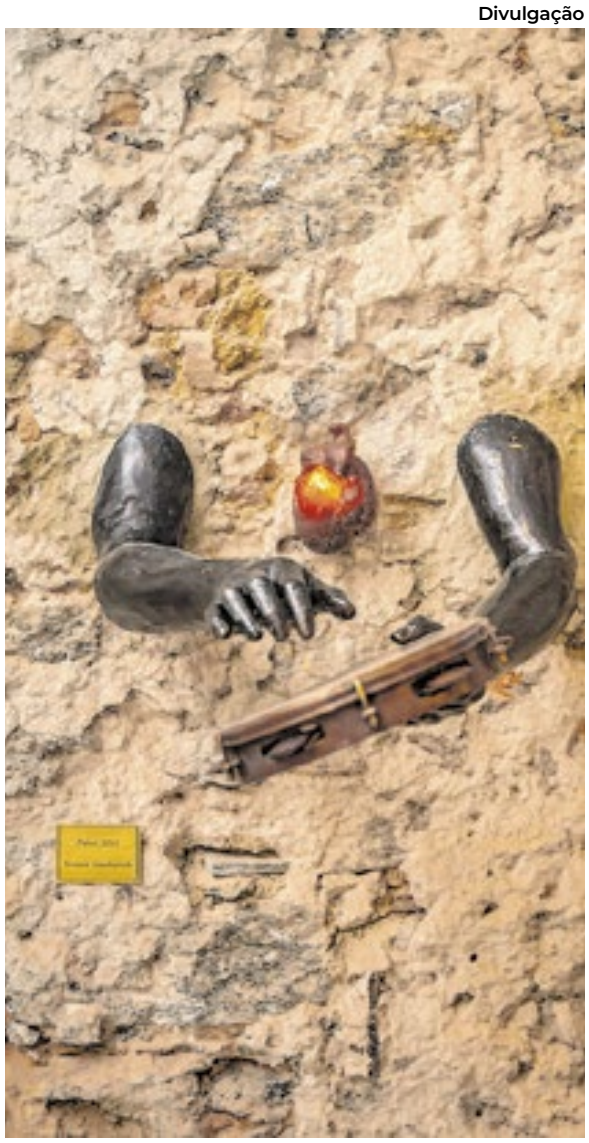
Cia de Dança da Amazônia inicia ocupação no CCBB
PÁGINA 8

2º CADERNO

Pandeiro, a batida com a cara do Brasil

Exposição destaca a trajetória histórica, simbólica e sonora do instrumento que atravessou continentes e séculos até se tornar um símbolo de brasilidade

Divulgação



Escultura da artista plástica Natália Gerschcovich simboliza os significados de resistência que o intrumento carrega

Por **Affonso Nunes**

"Brasil, esquentai vossos pandeiros". Imortalizado em versos como esse, da canção icônica de Assis Valente, consagrada pelos Novos Baianos, o pandeiro é um dos instrumentos mais emblemáticos da música brasileira. Mas poucos conhecem sua história, que atravessa os séculos e chega ao Brasil trazida pelos colonizadores. Contar as inúmeras etapas dessa jornada é a proposta de "Pandeiros do Brasil: História, tradição, inovação" em cartaz na Casa do Pandeiro, no Centro.

Com curadoria da pandeirista e professora Clarice Magalhães e do pesquisador Eduardo Vidili, a exposição se desenvolve em dois eixos principais: histórico-sociológico e artístico. O público pode explorar uma série de imagens, quatro obras de arte inéditas, incluindo uma escultura e uma instalação, um vídeo interativo e diversas variações do instrumento, que estão disponíveis para experimentação, promovendo uma experiência interativa e sensorial. Há também uma pequena biblioteca com títulos de referência sobre o tema.

"A Casa do Pandeiro materializa um senso de comunidade entre pandeiristas, tanto profissionais como amadores e aprendizes. É comum ouvir percussionistas expressarem gratidão pelo pandeiro. É um instrumento muito generoso! Agora ganha uma casa, uma exposição e uma biblioteca dedicadas a ele. Queremos dar mais visibilidade a quem toca, ensina e constrói o instrumento", celebra Clarice Magalhães, idealizadora e gestora do espaço, que também oferece aulas, oficinas, debates e rodas musicais.

Com quatro CDs gravados, a artista é profissional do pandeiro desde a década de 1990, e já tocou em centenas de bailes, festivais de música e shows dentro e fora do Brasil. Prima de Cazuza e sobrinha-neta de Nelson Rodrigues, em 2019, Clarice lançou em livro um método de pandeiro chamado "Técnica e levadas para pandeiro brasileiro" (Editora Multifoco) e um canal no YouTube.

Continua na página seguinte

Thiago Anastácio/Divulgação

Clarice Magalhães: visibilidade ao pandeiro

Acervo Correio da Manhã

Pedro de Alcantara (ao centro) e os Oito Batutas em imagem da primeira reportagem no Brasil que cita o pandeiro. A matéria foi publicada no Correio da Manhã em 1927

Reprodução

A pintura rupestre Dança do Leopardo, datada de 5800 a.C., encontrada em uma caverna da Turquia, é o primeiro registro de um pandeiro

Reprodução

A gravura 'Negro Tocando Cabaça e Pandeiro', do artista holandês Johan_Nieuhof, é datada de 1640, sendo o primeiro registro da presença do intrumento no Brasil

Caminhada desde a **antiguidade**

O eixo histórico-sociológico da exposição percorre a trajetória do pandeiro desde suas origens ancestrais. O primeiro registro iconográfico do instrumento no mundo remete a uma pintura rupestre na Turquia, datada de mais de 5 mil anos. O pandeiro teria sido levado à Europa pelos mouros e, posteriormente, trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses. No Brasil, foi rapidamente adotado pelos escravizados e tornou-se parte fundamental das manifestações culturais afro-brasileiras. O primeiro registro imagético do instrumento no Brasil é um desenho de 1640 do holandês Johan Nieuhof, que também integra a exposição. A imagem mostra uma mulher escravizada com um pandeiro na mão.

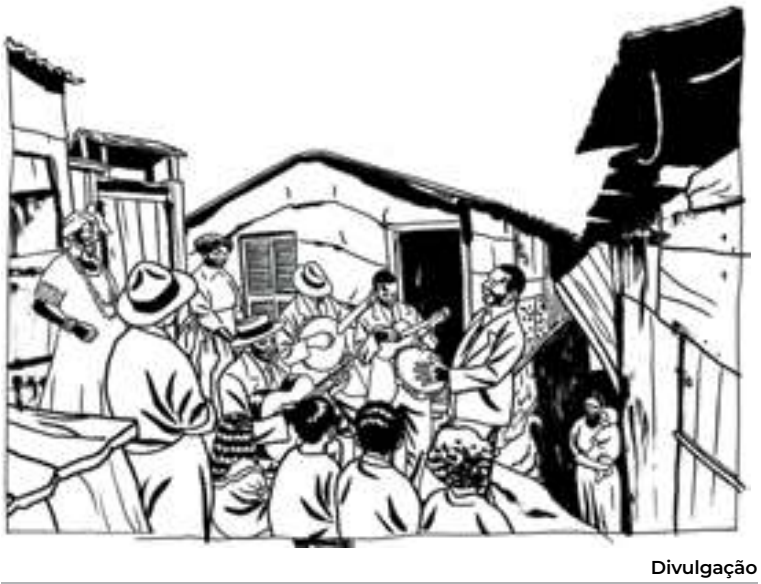
A mostra também aborda a relação entre o pandeiro e o feminino. Símbolo de fertilidade, na Europa ele era predominantemente tocado por mulheres, mas essa tradição se perdeu com o tempo. A exposição resgata a importância das mulheres no universo do pandeiro e reflete sobre sua presença na percussão brasileira contemporânea, majoritariamente masculina.

Uma escultura encomendada ao artista Lucas Finonho entrelaça os temas capoeira, pandeiro, perseguição e portabilidade. Durante o período colonial e a República Velha, práticas culturais negras foram perseguidas, e o pandeiro passou a ser associado à vadiagem: quem os tocava em rodas de samba ou capoeira era alvo frequente da polícia. No entanto, essa marginalização contribuiu para que ele se tornasse parte essencial da capoeira, valorizado por sua portabilidade e sua capacidade de acompanhar os movimentos da luta. Nos anos 1930 e 1940, o samba, antes perseguido, tornou-se símbolo nacional. É nesse período que o pandeiro passa a ser reconhecido por seu sofisticado alcance rítmico e harmônico.

No eixo artístico, a mostra homenageia figuras fundamentais na consolidação desse símbolo da música brasileira. São apresentadas imagens como uma foto e um desenho em quadrinhos de João da Baiana. Também são lembradas figuras centrais como Jackson do Pandeiro, Jorginho do Pandeiro, Bira Presidente e Larissa Umaytá.

Uma instalação de Bete Esteves e Luciana Maia homenageia Marcos Suzano, um dos inovadores do instrumento. Um mapa interativo apresenta as diversas manifestações culturais que utilizam o pandeiro pelo Brasil, além de uma biblioteca especializada, batizada em homenagem a Alfredo de Alcântara, do célebre grupo Oito Batutas. Inclusive, é dele o primeiro registro do pandeiro na imprensa brasileira, numa matéria sobre a banda publicada pelo Correio da Manhã, em 1927.

Divulgação



O desenho 'Samba de Planície', de Marcelo Quintanilha, representa a presença do pandeiro nas rodas de samba realizadas nas comunidades

Divulgação

Instalação assinada por Bete Esteves e Luciana Maia homenageia Marcos Suzano, um dos grandes inovadores do pandeiro no Brasil

SERVIÇO

PANDEIROS DO BRASIL

Casa do Pandeiro (Travessa do Ouvidor, 36 - Centro) | De segunda a sábado (10h às 17h), exceto quartas (10h às 20h)

Sempre se deve **cantar Tom Jobim**

Cantora e atriz Adriana Quadros reapresenta seu show em tributo à obra de nosso saudoso Maestro Soberano

Por Affonso Nunes

Divulgação

Adriana Quadros retorna ao Blue note com seu show que celebra a obra imortal de Tom Jobim

A cantora e atriz Adriana Quadros retorna ao Blue Note Rio nesta quarta-feira (21) com o espetáculo "As Cores do Tom", que presta homenagem à obra imortal de Antonio Carlos Jobim (1927-1994). Acompanhada por um time de músicos experientes, a artista promete uma noite de reverência ao Maestro Soberano.

Sob a direção musical e arranjos de João Cantiber, que também assina os violões, o show conta ainda com Cyd Alvarez ao piano, Dôdo Ferreira no baixo acústico, Roberto Bahal no sax e Luizinho Sobral na bateria. O repertório passeia por clássicos como "Garota de Ipanema", "Corcovado", "Desafinado", "Eu sei que vou te amar" e "Samba de uma nota só". Destaque para a inclusão recente de "Águas de Março" e para a homenagem à cantora Nana Caymmi, morta recentemente, com uma interpretação especial de "Modinha".

Além de cantora, Adriana Quadros tem trajetória consolidada como atriz de musicais. Foi premiada por sua atuação como Madre Superiora em "Mudança de Hábito" e participou de montagens brasileiras de "Wicked" e "Rádio Nacional – As Ondas que Conquistaram o Brasil", com supervisão de Bibi Ferreira. Também dublou e cantou a personagem Mama Amélia no filme da Disney/Pixar "Viva – A Vida é uma Festa".

SERVIÇO

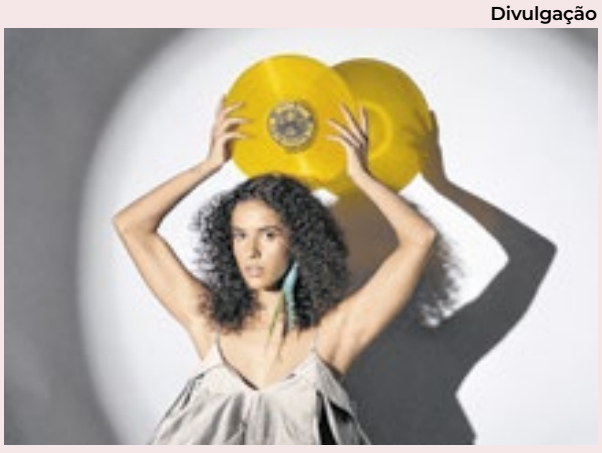
ADRIANA QUADROS | AS CORES DO TOM

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 – Copacabana)
21/5, às 20h
Ingressos: R$ 120 e R$ 60 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Virada de chave

A cantora e compositora Clariá lança nesta quarta-feira (21), pela Caravela Records o single "21". A faixa de pegada pop abre os trabalhos do álbum previsto para o fim do ano e nasce, segundo a artista, como um desabafo espontâneo: "Essa música me curou, libertou, deu adeus a um sentimento que foi necessário para o meu crescimento". Clariá — nome artístico da carioca Clarissa Chaves acaba de adotar — imprime em suas canções elementos da espiritualidade, da natureza e da liberdade pessoal. A faixa é mais um passo de sua trajetória entre o pop e a MPB.

Em clima de família

Michel Teló apresenta o EP "Sertanejinho do Teló", gravado em Campo Grande (MS), com repertório pensado para ser curtido em família. O projeto reúne clássicos de diversos estilos em versões sertanejas, celebrando a diversidade da música brasileira com a identidade leve e carismática do cantor. Com participação de integrantes da família na gravação, o lançamento aposta no clima afetivo e no acolhimento sonoro que marca a trajetória do cantor, instrumentista e compositor paranaense criado em Mato Grosso do Sul.

Divulgação

Phrancesco Guarnieri/Divulgação

Canto de superação

Cássia Raquel lança nesta quinta (23) a faixa "Beijo Tóxico", inspirada em uma decepção amorosa que resultou no fim de seu casamento. Com produção de Thiago Garcia e coautoria do irmão Caio Giovani, a faixa nasceu durante a turnê da cantora pela Itália. O single mescla beats dançantes com referências à música preta americana dos anos 1990, evocando Prince e Whitney Houston. Escrita há uma década, a letra foi atualizada para refletir uma visão mais madura sobre renascimento e autocuidado feminino. Para a artista, o single é "um manifesto sobre a dor que transforma".

Um Moretti de ontem é para sempre

PALME D'OR
FESTIVAL DE CANNES

Regresso de 'Palombella Rossa' a Cannes amplia o culto ao septuagenário diretor italiano que atualizou a ironia de sua pátria nas telas

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

Divulgação

'Palombella Rossa', uma crítica social aos costumes italianos a partir de uma equipe amadora de pólo aquático

Nanni Moretti (de barba ao centro) tem uma atuação primorosa no papel de um cineasta em crise em 'O Melhor Está Por Vir'

Um dos produtores mais prolíficos da Itália neste momento em que seu país luta para se livrar da sombra de seus grandes mestres sem trair a tradição do neorrealismo, Nanni Moretti ajudou a tirar dois filmes do papel nos últimos meses, "Vittoria" e "Quasia a casa", apoiando outros cineastas a forjar uma verve autoral. A sua já soma 50 anos e teve vez na progrmação mais popular do Festival de Cannes, a seção Cinéma De La Plage, com um resgate de um marco de sua estética: "Palombella Rossa", de 1989.

Sua projeção, no último domingo, ampliou o interesse de exibidores e distribuidores do Velho Mundo para incorporar a obra de Moretti em seus catálogos, sobretudo no streaming. Mesmo sendo projetado numa seara de reprises, essa comédia, atualíssima, fez mais barulho na Croisette do que muitas estreias.

"Na minha vida, desde estudante, o cinema sempre simbolizou uma forma de exorcizar aquilo que eu queria combater", disse Moretti, em recente entrevista ao Correio da Manhã na França. "Carrego um apreço grande por Buster Keaton, e seu humor, e tento levar essa verve do deboche para a tela com a certeza de não ser imparcial e de me orgulhar disso".

Laureado com prêmios da crítica em Veneza e na Mostra de São Paulo, "Palombella Rossa" faz rir ao acompanhar um dirigente do Partido Comunista que costuma jogar polo aquático com rapazes mais novos que ele. A história se passa quase que inteiramente numa piscina , que funciona como uma metáfora da vida em sociedade. O humor bizarro de Moretti, também protagonista do filme, pode ser considerado um tributo à ironia histórica da Itália na arte cinematográfica.

"Muita coisa mudou no mundo nesse período, sobretudo a velocidade de consumo de tudo. O sistema já foi um sistema sólido, mas, neste momento, enfrentamos uma fase de desarticulação", disse Moretti, que ganhou a Palma de Ouro, em 2001, com "O Quarto do Filho".

Na década de 1980, quando a tradição de excelência da indústria cinematográfica italiana entrou em sucateamento, filmes como "Bianca" (1983) e "A Missa Acabou" (1985) fizeram dele um pilar de resistência. Ao longo das décadas seguintes, "Caro Diário" (1993), "Aprile" (1998), "O Crocodilo" (2006) e "Minha Mãe" (2015) expandiram seu prestígio autoral. Daí o impacto do resgate de seu "Palombella Rossa".

"O streaming surgiu hoje com força, e funciona muito bem no sistema produtivo das séries, mas, no campo dos filmes, o papel criativo do diretor não é o que foi. Fui formado por um tipo de narrativa pré-1968 em que cada filme refletia sobre a realidade e sobre o próprio cinema, com Ermano Olmi, Marco Ferreri, os irmãos Taviani, o Free Cinema inglês a Nouvelle Vague. Era um cinema que nos convidava a reagir".

A Itália está entre no certame de Cannes deste ano com "Fuori", de Mario Martone, com Valeria Golino. Em sua trama, a escritora Goliarda Sapienza se encontra na prisão por causa de um delito nunca devidamente comprovado. Após sua libertação, a amizade entre ela e as outras detentas continuou, o que causou desentendimentos nos círculos intelectuais em que ela frequentava.

Cannes termina neste sábado.

ENTREVISTA / GABRIEL LEONE, ATOR

‘Assim que eu escutei o Kleber falar do projeto, eu soube que queria fazer parte dele’

PALME D'OR
FESTIVAL DE CANNES

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Depois de chega na pole position na Netflix à frente de “Senna”, Gabriel Leone corre agora pelas pistas mais disputadas do circuito mundial dos festivais de cinema, as telas de Cannes, como vilão em “O Agente Secreto”. De CEP pernambucano, o thriller de Kleber Mendonça Filho (“O Som Ao Redor”) disputa a Palma de Ouro e tem forte chance de arrancar um prêmio para seu diretor e seu protagonista, Wagner Moura. A trama se passa em 1977 e investe em elementos de suspense e fantasia para denunciar a corrupção no desmantelo da máquina pública de ensino e pesquisa.

Em meio a um processo de buscar espaço no cinema internacional, que começou com sua participação em “Ferrari” (2023), de Michael Mann, Leone ganha mais (e melhores) holofotes no papel de Bobbi, matador que está no encalço do cientista e professor vivido por Wagner.

Em 2024, ele arrancou aplausos e elogios na Mostra de São Paulo com “Barba Ensopada de Sangue”. A adaptação do romance de Daniel Galera segue inédito em circuito.

No papo a seguir, Leone conta ao Correio da Manhã como foi o processo de filmar o longa-metragem mais recente do cineasta que, depois de “Bacurau” (Prêmio do Júri em Cannes em 2019) virou sinônimo de um Brasil que rejeita o facismo.

Rodrigo Fonseca

No auge de sua participação em novelas e séries na TV, o cinema se encatou pelo seu talento e te levou às telonas com direito a sucessos de público (“Eduardo e Mônica”) e cults (“O Rio do Desejo”). Nessa trilha, você foi de Claudio Assis a Aly Muritiba, passando por Vicente Amorim. O que esse rol de diretores te traz nessa jornada?

Gabriel Leone: Se você pensar que o meu primeiro filme, “Garoto”, foi com o (Julio) Bressane... e isso depois de fazer “Malhação” na Globo... vai ver que eu comecei minha jornada no cinema brasileiro por meio de um realizador super respeitado. Essas escolhas estão abrindo portas pra mim. Mais do que apenas diretores, eles são cineastas autorais. Kleber é parte desse time. Eles me fazem crescer, aprender. Eu sinto também no processo agora com a Joana Jabace, diretora de “Véspera”, série que faço para a Max.

Como foi o trabalho com Kleber na imersão histórica no Recife dos anos 1970?

Assim que eu escutei o Kleber falar do projeto, soube que queria fazer parte dele. O Brasil dele mostra a potência que a nossa arte tem. Saí de um set em Garulhos e vim para Cannes. Olhando os horizontes de Cannes, vendo a cidade do alto de seus telhados, eu lembro da vista que eu tinha do quarto de hotel no Recife, onde via aquela cidade com toda a sua força. A partir do que diretores como Kleber construíram, o Recife virou sinônimo de cinema.

Como ficaram os seus horizontes na TV, com as recentes experiências no cinema?

Tudo depende de encontrar o projeto certo. Entendo a importância que a TV aberta tem para a nossa população e tenho feito séries. Fiz “Citadel”, faz pouco.

Como esta edição 78 de Cannes marca a sua estrada?

Esse festival é um oásis e ele me deixa muito feliz por me receber com um filme como “O Agente Secreto” tão importante para o Brasil.

CRÍTICA / MISSÃO IMPOSSÍVEL - O ACERTO FINAL

Paramount Pictures e Skydance

Tom Cruise gravou uma das cenas mais mirabolantes da saga para criar uma luta aérea em cima de um avião turboélice

Última viagem com Tom Cruise

Por Pedro Sobreiro

Faz praticamente 30 anos que Tom Cruise vem assombrando o mundo da cinefilia com suas estripulias extremamente perigosas na franquia "Missão: Impossível". De lá para cá, ele já dispensou dublês para escalar o prédio mais alto do mundo, em Dubai, para se amarrar do lado de fora de um avião durante a decolagem, para saltar um penhasco de moto e muitas outras insanidades que levaram o inspetor de segurança da equipe à loucura.

E agora, em "Missão: Impossível - O Acerto Final", que estreia oficialmente nesta quinta-feira (22), o ator prepara uma despedida bastante honrosa para o seu Ethan Hunt, que segue em uma missão de vida ou morte para tentar impedir que uma inteligência artificial genocida destrua a humanidade.

Por estar sendo anunciado como o capítulo final da saga, o longa obviamente traz duas sequências de ação de tirar o fôlego - literalmente. Uma delas foi gravada embaixo d'água, o que representou um desafio enorme para o ator, que teve um tempo extremamente reduzido para realizar a cena. A segunda é a já icônica luta em um avião turboélice sobre a África do Sul.

Essa dedicação do ator é de um amor tão grande ao cinema, que parece perpassar a tela, exalando essa paixão cinematográfica para o público. É ação em essência!

Mais do que isso, o filme apresenta uma trama simples, mas bem executada, proporcionando uma ação ininterrupta que prende a atenção do público pelas mais de 2h40 de duração.

A parceria entre Tom Cruise e o diretor Christopher McQuarrie realmente elevou o nível da franquia, porque são dois legítimos apaixonado pela ação. Não são apenas as grandes sequências elaboradas que cativam, mas todas as lutas extremamente bem coreografadas, as perseguições de carro, as locações exóticas... A dupla sabe como fascinar e entreter.

Falando sobre entretenimento, o carisma do elenco segue afiado. O Ethan de Tom Cruise ainda é um poço de carisma, o Benji de Simon Pegg continua divertidíssimo, conseguindo criar até mesmo alguns momentos dramáticos bem intensos para os fãs da franquia. Até mesmo a Grace, vivida por Hayley Atwell, que não foi tão bem recebida pelos fãs no capítulo anterior, tem seus momentos de brilhar.

Por se tratar de um suposto capítulo final, o longa faz questão de trazer à tona alguns capítulos anteriores, como uma celebração à própria saga. Isso pode incomodar alguns, mas não chega a atrapalhar a trama. Só fica a sensação, em alguns momentos, de que nem tudo precisava ficar tão amarradinho assim.

De qualquer forma, "Missão: Impossível - O Acerto Final" chega para concluir uma das sagas mais espetaculares da história do cinema, mesmo que deixe aquela impressão de que, se o estúdio quisesse, ainda haveria mais histórias a contar com esses personagens. Mesmo com toda a grandiosidade desse final, as loucuras impossíveis de Tom Cruise como Ethan Hunt vão deixar muita saudade nesses tempos de telas verdes e computação gráfica.

Ayrton Valle/Divulgação

Cláudio Marconcine, Tássia Dhur, Lauande Aires e Kátia Lopes interpretam personagens que transitam entre momentos de introspecção, tensão e denúncia em 'Ensaio sobre a Memória'

Pelos labirintos da memória

Espetáculo da Pequena Companhia de Teatro estreia no CCBB com trama inspirada em Borges e debate sobre memória, verdade e ditadura

Por **Affonso Nunes**

Com dramaturgia e direção de Marcelo Flecha, o espetáculo "Ensaio sobre a Memória" estreia no próximo dia 22 no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Em cartaz até 2 de junho, a montagem dá continuidade à ocupação da Pequena Companhia de Teatro no CCBB-RJ e se inspira livremente no conto "A outra morte", de Jorge Luis Borges, no qual a memória de um homem parece reconstruir-se à revelia da realidade histórica.

Na trama, um escritor e sua assistente tentam remontar a trajetória de um sujeito que, após ser brutalmente torturado por um regime militar latino-americano, delatou seus companheiros e passou o resto da vida tentando resgatar alguma forma de dignidade. O espetáculo se estrutura como um jogo de versões, silêncios e lacunas, no qual o espectador é levado a duvidar da estabilidade da verdade e da confiabilidade da memória.

A montagem propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos de manipulação da memória coletiva, a fragilidade da verdade histórica e os efeitos do apagamento. Em cena, Cláudio Marconcine, Tássia Dhur, Lauande Aires e Kátia Lopes interpretam personagens que transitam entre momentos de introspecção, tensão e denúncia, num registro que mistura poesia e brutalidade. A trilha sonora, também assinada por Lauande Aires, contribui para a criação de uma atmosfera inquietante e onírica.

Criado a partir do método que Marcelo Flecha batizou de "Dramaturgia da escuta", o espetáculo parte de improvisações e longos processos de escuta entre os atores e a direção. "Enquanto muita gente aposta na autoficção ou no teatro documental, seguimos na contramão, acreditando que o teatro dramático ainda carrega uma potência profundamente contemporânea", afirma Flecha.

Estreado em 2019, "Ensaio sobre a Memória" já passou por importantes festivais e palcos do país, como o Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga, o Festival Cena Nordeste, em Olinda, e a Mostra Guajajara de Artes, em São Luís, além de temporadas em Fortaleza, Mossoró e na capital maranhense, onde a companhia tem sua sede.

Fundada há vinte anos no Maranhão, a Pequena Companhia de Teatro é conhecida por sua abordagem autoral e rigorosa no trabalho dramatúrgico. O grupo construiu ao longo de duas décadas uma trajetória marcada por espetáculos com forte densidade temática e apuro formal, que circulam amplamente por festivais nacionais e internacionais. Sua atuação inclui também ações de formação de plateia, oficinas e atividades educativas em diversas regiões do país.

A montagem faz parte da Ocupação Pequena Companhia de Teatro, que celebra os 20 anos do grupo com uma série de ações no CCBB-RJ. Além de "Ensaio sobre a Memória", a programação inclui mais três espetáculos baseados em obras literárias, além de uma mostra de repertório, oficinas e debates com artistas e pesquisadores convidados. A próxima peça a entrar em cartaz será "Desassossego", livremente inspirada na obra de Fernando Pessoa, com temporada entre os dias 5 e 9 de junho.

SERVIÇO

ENSAIO SOBRE A MEMÓRIA
Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro – Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)
De 22/5 a 2/6, de quarta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R$ 30 e R$ 15 (meia)

Michael Dantas/Divulgação

Baseado nas vivências do povo tikuna, 'Ta - Sobre Ser Grande' é um dos destaques da ocupação,

Michael Dantas/Divulgação

'Rios Voadores' tem assinatura da coreógrafa Rosa Antuña

O recado da **floresta**

Corpo de Dança do Amazonas apresenta seis espetáculos no CCBB Rio em temporada que celebra 26 anos da companhia

David Martins/Divulgação

'Urutau' reforça o caráter autoral da ocupação artística da cia.

O Corpo de Dança do Amazonas (CDA) retorna ao Rio para uma nova temporada de apresentações no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Com direção artística de Mário Nascimento, o projeto "Amazônia em Movimento" reúne seis espetáculos que celebram os 26 anos da companhia, referência nacional na dança contemporânea. A programação destaca a força da região Norte e presta homenagem aos povos originários.

À frente do CDA desde 2020, Mário Nascimento volta à capital fluminense um ano após a estreia da companhia no Rio. "Essa cidade nos recebeu com tanto carinho que voltar é uma grande alegria. O contato com o público carioca foi transformador", afirma o coreógrafo, cuja carreira sólida é marcada por produções de forte impacto poético e político.

Entre os destaques da temporada está "TA | Sobre ser Grande", coreografado pelo próprio Nascimento, reconhecido como "Melhor Espetáculo de Dança de 2024" pelo Prêmio Arcanjo de Cultura.

"TA" significa Grande para os Tikunas – povo originário do Amazonas, que ocupa uma vasta área. Expressão curta carregada de sentidos, a língua para esses povos é parte deles, os sons do ambiente fazem parte do idioma que se fala, sejam pardos, roncos, chiados e tantos quantos conseguem escutar, define onde vivem como "TA". Um território que abriga, acolhe, alimenta e precisa também de cuidados. Carrega nos corpos e expressa toda força de um povo que vive nessa amplitude. A trilha sonora é do DJ Marcos Tubarão.

Já "Rios Voadores", da coreógrafa mineira Rosa Antuña, traz trilha sonora original de Makely Ka, indicada ao prêmio de "Melhor Trilha Sonora para Espetáculos de Dança" pela APCA.

A programação inclui ainda quatro obras inéditas que reforçam o caráter autoral da temporada: "Mundo da Razão Presente", "Cabanagem", "Caput – Art. 5" e "Urutau". Voltado ao público infantojuvenil, "Mundo da Razão Presente" propõe uma reflexão sensível e filosófica sobre a mente humana, a partir de uma perspectiva inspirada em Hegel. Criada por Ricardo Risuenho, a peça trata a loucura como parte integrante da razão e convida crianças e jovens a pensarem poeticamente sobre a própria existência.

Além dos espetáculos, a temporada oferece uma oficina de Dança Contemporânea ministrada por Mário Nascimento, voltada a bailarinos profissionais e estudantes de nível intermediário e avançado. Com 40 anos de trajetória, o coreógrafo propõe uma abordagem prática que une técnica e criatividade. A oficina será realizada presencialmente nos dias 23 e 30 de maio e 6 de junho, com duração de duas horas e 30 vagas por sessão. A participação é gratuita, mediante retirada de ingressos na bilheteria do CCBB uma hora antes de cada atividade.

Criado em 1998 pelo Governo do Estado do Amazonas, o Corpo de Dança do Amazonas é um dos corpos artísticos do Teatro Amazonas. Com mais de 60 obras em seu repertório e colaborações com artistas de todo o Brasil e do exterior, a companhia consolidou-se como uma expressão da riqueza cultural amazônica, marcada pela pluralidade da dança contemporânea e o diálogo com a singularidade da região. O projeto "Amazônia em Movimento" é patrocinado pelo Banco do Brasil, via Lei Rouanet, com apoio da Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural (AADC) e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas.

SERVIÇO

AMAZÔNIA EM MOVIMENTO
CCBB Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)
De 21/5 a 8/6, de quarta a domingo (conultar horários no link https://l1nq.com/Zk4LT)
Ingressos: R$ 30 e R$ 15 (meia)